

REFLEXÕES SOBRE A “SOCIEDADE DO CONHECIMENTO” E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Elson Marcolino da Silva¹ - smelson@ig.com.br

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar discussões teóricas sobre a relação entre “sociedade do conhecimento” e letramento digital e quais as implicações pedagógicas dessa relação para o campo da educação escolar. Posto isto, interrogamos:- O que são: “sociedade do conhecimento” e letramento digital? Qual é a relação que assume esses dois fenômenos na contemporaneidade? No campo da educação escolar, quais são as implicações pedagógicas em decorrência das práticas de letramento digital que emergem a partir do conceito de “sociedade do conhecimento”? Esperamos que as reflexões propostas neste trabalho provoquem um repensar crítico, especialmente sobre as práticas de letramento digital no contexto educacional escolar.

Revisão de Literatura

1. “Sociedade do Conhecimento”: Pressupostos Teóricos Iniciais

Para Duarte (2008), a ideia de “sociedade do conhecimento” está associada ao estágio de desenvolvimento do capitalismo que vêm passando por profundas transformações desde o final da década de 1960. Saviani (2008) infere que, nos fins desta mesma década, o sistema capitalista “substitui” o taylorismo-fordismo, cujo modo de produção e organização produtiva se dá por meios de tecnologias pesadas e rígidas, pelo toyotismo, que apregoa um ambiente produtivo mais “leve” e “flexível” baseado, sobretudo, em tecnologias de base microeletrônicas. Neste sentido, e levando-se em consideração as colocações dos autores supramencionados é possível afirmar que a noção de “sociedade do conhecimento” mantém estreita relação com as mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas nas sociedades capitalistas e não capitalistas, em função de modificações provocadas na base produtivo-capitalista.

Para Santos (1993), a introdução da tecnologia de base microeletrônica na esfera social e do trabalho produtivo vai demandando, sobretudo, complexas e variadas formas de lidar com o mundo sociocultural e profissional. No campo sociocultural, por exemplo, a introdução e disseminação das tecnologias microeletrônicas impõem mudanças radicais na

¹ Docente da UEG/UnUCSEH.

forma de se pensar e viver em sociedade. No campo profissional, ela vai exigindo, cada vez mais, maior “qualificação” e formação, sobretudo dos trabalhadores.

Segundo Schaff (1995), o contexto atual em que se encontra a sociedade é consequência de três grandes revoluções técnico-científicas, sendo que, uma delas deriva, também, do desenvolvimento da microeletrônica. Para o autor, a revolução da microeletrônica, aliada a outras duas revoluções, a da microbiologia e da termonuclear, provocou transformações em várias esferas da sociedade, demandando novas qualificações no campo do trabalho, reorganização da base produtiva e provocando transformações nos mais variados campos sociais e culturais.

Numa tentativa de explicação e compreensão sobre as possíveis consequências sociais, políticos e culturais, que poderiam surgir em função das transformações técnico-científicas, Schaff (1995) caracteriza a sociedade do final século XX e início do século XXI, sob a influência dessas transformações técnico-científicas, como “sociedade informática”. Para o autor, a “sociedade informática” seria “[...] uma sociedade em que todas as esferas da vida pública estarão cobertas por processos informatizados e por algum tipo de inteligência artificial, que terá relação com computadores de geração subsequentes”. (SCHAFF, 1995, p. 46).

Conforme Libâneo et al. (2003), na tríade revolucionária apresentada por Schaff (1995), a microeletrônica é a que mais facilmente pode ser sentida e percebida na sociedade atual, uma vez que, cotidianamente as pessoas fazem usos, espontaneamente ou não, ou, se veem diante de algum tipo de aparato tecnológico de natureza microeletrônica. Segundo os autores, “[...] o computador é considerado a vedete da revolução técnico-científica [...]” que tem, como principal desencadeador tecnológico, as tecnologias de base microeletrônica-informática. (LIBANEO, ET AL, 2003, p. 63).

Entretanto, qual é a relação entre surgimento e desenvolvimento das tecnologias de base microeletrônica-informatizadas na “sociedade do conhecimento” e o letramento digital?

2. O Letramento Digital

Na perspectiva de Kensky (2007), com o advento e desenvolvimento das tecnologias eletrônicas de informação e computação, vai se configurando um novo tipo de linguagem, denominada de linguagem digital. Segundo a autora, a linguagem digital é considerada, após a oralidade e à escrita, a “terceira linguagem” que surge e se desenvolve em articulação com as tecnologias eletrônicas de informação e comunicação. Entre as múltiplas TICs, a linguagem digital se expressa também por meio dos computadores e da internet.

As práticas sociais, decorrentes dos usos que as pessoas fazem da linguagem digital mediada pelo computador e Internet, é o que Soares (2002) e Coscarelli & Ribeiro (2005) denominam de práticas de letramento digital.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

Para Soares (2002), o conceito de letramento, no sentido da cultura do papel, é considerado como “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita [...]” (p. 47). Já no campo da “cultura digital”, o termo letramento é reconceituado e passa a ser entendido como um “[...] certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita do papel” (SOARES, 2002, p.151).

Coscarelli & Ribeiro (2005, p.9), entendem o conceito de letramento mediado pelas “telemáticas” como “[...] a ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital”. Tanto Soares (2002) quanto Coscarelli e Ribeiro (2005), entendem nas suas teorizações sobre o letramento digital, que as práticas de letramento digital surgem e se desenvolvem em decorrência dos usos e da presença das mídias digitais na sociedade contemporânea, incluindo, entre estas mídias digitais, o computador e a internet.

Ainda que não se possa afirmar com toda certeza sobre a origem das primeiras práticas de letramento digital, pois ainda são poucos os estudos voltados para o fenômeno letramento digital, o fato é que, o surgimento dos primeiros computadores em redes possibilitou o desenvolvimento das primeiras práticas de letramento digital.

Segundo Harasim et al. (2005), a década de 1960 é considerada como um momento histórico em que, pela primeira vez, ocorreu uma comunicação por meio de redes de computadores, utilizando, para isto, o correio eletrônico e os computadores de tempo compartilhado. Segundo os autores, para que as pessoas se comunicassem, via computadores, naquela época “[...] enviavam mensagens pelos mesmos computadores *mainframe*, por meio de terminais burros a eles conectados ou através de linhas telefônicas discadas (locais e interurbanas).” (HARASIM ET AL, 2005, p. 21-22).

Tomando como base os estudos realizados por Harasim (2005), que inferem ser a década de 1960 o período em que são realizadas as primeiras comunicações *on-line* por meio do computador, pode-se supor, então, que o surgimento dos primeiros computadores eletrônicos em rede, ainda nos anos 60, possibilitou o desenvolvimento das primeiras práticas de letramento digital.

A criação da ARPANET, também na década de 1960, e posteriormente da internet, em meados da década de 1980, conforme relata Castells (1999), contribuíram, mais ainda, para o desenvolvimento de novas práticas de letramento digitais em vários domínios sociais. Deste período inicial, marcado pelo surgimento dos primeiros artefatos tecnológicos de natureza microeletrônica-digital, até os dias atuais, as práticas de letramento digital têm-se ampliado e complexificados em decorrência, sobretudo, do desenvolvimento e usos dos aparatos tecnológicos dessa natureza.

No estágio atual da sociedade, as práticas de letramento digital mediadas pelos computadores/internet, emergem em várias esferas sociais e possibilitam usos quase infinitos. Por exemplo, quando as pessoas acessam em casa, no trabalho, no lazer, etc. a internet para: a) fins comerciais, - compras e vendas de produtos e mercadorias, fechar negócios usando

assinatura digital; b) busca de informação e conhecimento na rede, usando os sites de buscas lá disponíveis; c) se comunicar e interagir em tempo real através das redes sociais e chats; c) aperfeiçoar sua formação acadêmica e profissional, entre outras possibilidades quase infinitas dos usos da internet. Além das quase infinitas possibilidades, proporcionadas em função das práticas de letramento ocorridas em ambientes digitais, é importante termos, também, a visão de que essas práticas de letramento digital podem trazer consequências para a sociedade.

Neste sentido, ainda que não tenha se utilizado explicitamente do termo letramento digital em sua obra, Schaff, no início da década de 1990, já inferia sobre as possíveis consequências que a sociedade enfrentaria em decorrência dos usos e fins das tecnologias informatizadas. Advertia o autor, nos primórdios da publicação da sua obra: “Por um lado, a automação e a robotização provocarão um grande incremento da produtividade e da riqueza social; por outro lado, os mesmos processos reduzirão, às vezes de forma espetacular, a demanda de trabalho humano.” (SCHAFF, 1995, p. 27).

Outro perigo que poderia surgir em relação ao desenvolvimento e usos das tecnologias baseadas na microeletrônica-informatizada, e que se evidencia na atualidade, está relacionado à importância que a informação assumiria para as sociedades produtoras e detentoras dessas tecnologias. Para o autor, na medida em que a informação fosse tratada como “[...] algo socialmente importante na sociedade e, estando esse “algo” circunscrito ao “aparato tecnológico” de que o produz, essa divisão acentuaria em relação aos que “[...] têm algo que é socialmente importante e aos que não têm este “algo”, no caso é a informação” (SCHAFF, 1995, p. 49).

3. Letramento Digital: Implicações Pedagógicas para o Campo da Educação Escolar.

O surgimento e desenvolvimento das TICs na “sociedade do conhecimento”, bem como a sua introdução no âmbito da educação escolar tem trazido novos desafios aos profissionais da educação, sobretudo àqueles que lidam diretamente com a organização do trabalho pedagógico escolar. Para Ramal (2002), a primeira questão que se coloca quando se pensa na introdução das tecnologias digitais na área da educação escolar é, inevitavelmente, a questão pedagógica. Neste sentido, entende-se ser de fundamental importância compreender quais são os pressupostos teórico-pedagógicos que orientam as práticas educativas escolares de letramento mediadas também pelos aparatos tecnológicos digitais. No campo especificamente pedagógico-escolar, as práticas de letramento digital estão subsidiadas em pressupostos pedagógicos que podem assumir tanto uma versão reprodutivista, quanto uma versão possibilitadora da transformação social.

Silva (2010) apresenta algumas reflexões acerca das práticas de letramento digital a partir de duas perspectivas: a perspectiva instrucionista e a perspectiva dialógica de letramento digital. Segundo o autor, a perspectiva instrucionista do letramento digital enfatiza a instrução, entendida apenas como treinamento no âmbito escolar. Nesta perspectiva, o

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

sujeito é condicionado a pensar de uma determinada forma, desprovida de visão crítica e emancipadora do contexto que o cerca. Ainda nesta perspectiva de letramento digital, as mídias digitais teriam como função condicionar o comportamento do aluno de acordo com os interesses do mercado de trabalho, ora para fazer dele mão de obra barata e “qualificada” às indústrias, ora para exercer o papel de mero consumidor na “sociedade do conhecimento”. O aluno, considerado um ser passivo no processo de formação, é testado periodicamente através de atividades e provas objetivas *on-line* e, o que se espera dele é a memorização dos conteúdos. As práticas de letramento digital são consideradas como produtos das pressões do ambiente digital que geram, assim, um conjunto de comportamentos que são medidos, previstos e controlados. Ao professor, cabe desenvolver a função de simplesmente repassar os “conteúdos” com predominância dos aspectos técnicos em detrimento aos aspectos políticos, através da utilização de mídia digital, diga-se de passagem, através da internet.

A perspectiva instrucionista de letramento digital defende, ainda, a ideia de que o letramento digital é considerado uma ferramenta “neutra” que pode ser aplicada de forma homogênea, com resultados igualmente homogêneos em todos os ambientes digitais. O autor levanta outras características da perspectiva instrucionista de letramento digital como, por exemplos: a) o pressuposto de que letramento digital é um atributo pessoal, “algo” que está relacionado à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever na Internet; b) a ideia de que um indivíduo, para ser considerado letrado digitalmente, ou estar em processo inicial de letramento digital, necessita ter, no mínimo, adquirido a habilidade de ler e escrever.

Como alternativa à perspectiva instrucionista de letramento digital, Silva (2010) apresenta a perspectiva dialógica de letramento digital. Nesta perspectiva, as mídias digitais são utilizadas como ferramentas pedagógicas em sala de aula dentro de uma visão crítica e emancipatória de educação cuja função não se resume à “[...] atender os interesses específicos do mercado de trabalho (sistema produtivo), mas também, para formar um sujeito emancipador para o mundo do trabalho.” (SILVA, 2010, p. 89-90).

Na perspectiva dialógica de letramento digital, o conhecimento é resultado e construído através da interação sujeito-objeto-sujeito com predominância dos aspectos histórico-culturais. O professor age como um “problematizador” das informações disponibilizadas aos sujeitos na/pela mídia digital, envolvendo confronto e contradições entre os pontos de vista, visando à superação dos mesmos. As mídias digitais, no contexto dessa perspectiva de letramento digital, não são consideradas como ferramentas neutras no processo de formação educacional do sujeito, pois estão permeadas de conotações ideológicas e só podem ser verdadeiramente compreendidas a luz de uma análise histórica. Na perspectiva dialógica de letramento digital, diferentemente da perspectiva instrucionista de letramento digital, “[...] todas as práticas de letramento digital são aspectos não apenas da esfera cultural, como estão, também, relacionadas às estruturas de poder em uma sociedade.” (SILVA, 2010, p. 90).

Referências Bibliográficas

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção linguagem e educação).
- DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- HARASIM, Linda (et al.). **Redes de aprendizagem** um guia para o ensino e aprendizagem on-line. Tradução de Ibraíma Dafonte Tavares. São Paulo: Senac, 2005.
- KENSKY, Vani. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8º ed., Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos (et al.) **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003 (Coleção Docência em Formação. Coordenação Antonio Joaquim Severino e Selma Pimenta Garrido).
- RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANTOS, Oder José. **Pedagogia dos conflitos sociais**. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCHAFF, Adam. **Sociedade informática**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Elson Marcolino. Perspectiva instrucionista e perspectiva dialógica do letramento digital na educação. In: TOSCHI, Mirza Seabra (Org.). **Leitura na tela: da mesmice à inovação**. Goiânia: PUC Goiás, 2010, p. 83-94.
- SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Campinas: Educação e Sociedade, vol. 23, n. 81, 143-160 p., dez, 2002.